

O GRUPO VIRTUAL DO CAMINHO DA FÉ: NOVOS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA¹

Haudrey Germiniani Calvelli

(Doutora em Ciência da Religião, UFJF. Professora da ESUV, Minas Gerais)

Resumo

Este artigo tem como objeto compreender um dos desdobramentos da peregrinação realizada no Caminho da Fé. Especificamente irei focar o Grupo Virtual do Caminho da Fé na internet como locus de manifestação da cultura em nossa sociedade. O Grupo estabelece relações interpessoais capazes de criar laços de sociabilidade resultantes da comunicação mediada pelas redes de computadores no mundo moderno.

Palavras-chave: Peregrinação; grupo virtual; laços de sociabilidade; internet.

Área: Teoria Antropológica

Abstract

This article aims at understanding the unfolding of a pilgrimage taking place on the Route of Faith. Specifically I shall focus on the Virtual Group Route of Faith on the internet as a locus of manifestation of culture in our society. The Group establishes interpersonal relationships able to create bonds of sociability resulting from communication mediated by computer networks in the modern world.

Keywords: Pilgrimage; virtual group; bonds of sociability; the internet.

Area: Teoria Antropológica

Na sociedade contemporânea, a comunicação social está cada vez mais diferente das formas estabelecidas em períodos anteriores da história. O impacto causado pelas tecnologias de informação e comunicação pode ser percebido em toda a vida social, no trabalho, no lazer e também nas relações pessoais. A utilização da tecnologia como mediadora das relações sociais inventa e reinventa novas maneiras de interação, estabelecendo novas identidades e criando diferentes hábitos sociais, enfim, construindo outras formas de sociabilidade. As relações entre os indivíduos não ocorrem somente face a face, são também mediadas pelas novas redes de telecomunicação, os celulares e a internet (MORIGI, 2004).

Inicialmente utilizada por usuários de maior poder econômico, ao ser difundida no segmento de classe média da população, a internet possibilitou a massificação da tecnologia de transmissão de informações. Aliado a esse processo de massificação, ocorreu um movimento social iniciado por jovens californianos na década de oitenta (LÉVY, 1999) que passou a fazer parte do cotidiano de milhões de pessoas nos últimos vinte anos: a comunicação virtual através dos *chats*¹, conhecida também como grupos de bate-papo.

Um dos grupos de bate-papo do provedor **Yahoo Grupos (Brasil)** é o grupo virtual do Caminho da Fé, que surgiu em função da rota brasileira construída para a realização de peregrinações. Essa rota foi inaugurada oficialmente no dia 12 de fevereiro de 2003. Os peregrinos podem iniciar a caminhada na cidade de Tambaú (SP), cidade onde viveu o Padre Donizetti Tavares de Lima, e passar por várias cidades do interior de São Paulo e do sul de Minas Gerais, com o objetivo de chegar a Aparecida (SP), local do maior santuário católico brasileiro. Com um total de 415 quilômetros, essa pode ser considerada a maior trilha permanente do Brasil.

No entanto, o fenômeno da peregrinação não se encerra no trajeto e na manipulação realizada pelos peregrinos dos bens simbólicos ofertados. Outro aspecto a ser observado são os desdobramentos pós-caminho, isto é, os laços de sociabilidade derivados das relações estabelecidas a partir da peregrinação. Dentre os desdobramentos possíveis do Caminho da Fé, analisei uma das associações de amigos que agrega pessoas que realizaram a peregrinação ou ainda aquelas que gostariam de cobrir esse itinerário. O grupo de bate-papo do Caminho da Fé pode ser pensado como um espaço de sociabilidade que se estabeleceu para além do momento e local da peregrinação, resultando em um fenômeno que pode ser designado como “reinvenção da *communitas*”². Essa associação revelou-se um lócus privilegiado para a discussão dos laços de sociabilidade travados no interior da sociedade contemporânea, constituindo-se em um espaço *on-line* dos peregrinos. Assim sendo, neste artigo, irei analisar, especificamente, a sociabilidade construída através do acesso ao grupo virtual do Caminho da Fé.

Métodos e conceitos

O Grupo Virtual do Caminho da Fé: Novos Espaços de Sociabilidade na Sociedade Contemporânea

Para a realização desta pesquisa, associei-me ao grupo em 30 de julho de 2003. Entre os anos de 2003 e 2006, acompanhei todas as mensagens recebidas e enviadas. Assim como todos os outros integrantes, recebi, via *e-mail*, todas as mensagens trocadas pelo grupo. Quase todas as mensagens eram para auxiliar os futuros peregrinos, para combinar outras caminhadas, como por exemplo, as caminhadas noturnas realizadas em grupos nos feriados, programar encontros (simpósios) e comemorações (aniversários) do Caminho da Fé e algumas mensagens que pedem a ajuda de todos os integrantes do grupo em causas sociais³.

Além de acompanhar as mensagens trocadas entre os usuários, realizei uma pesquisa de campo no *chat* de bate-papo do Caminho da Fé. A metodologia utilizada para a coleta de dados foi a "interação virtual com usuários" e "entrevistas virtuais". No primeiro caso, todos os usuários do *chat* podem ver e ler a mensagem de um único usuário, que pode se referir a todos, ou a outro usuário especificamente. No segundo caso, a mensagem é enviada reservadamente ao destinatário e somente os dois a vêem e a lêem. Esse tipo de coleta de dados tratou de acompanhar a comunicação que ocorre entre os usuários, através do modo "aberto". Foram realizadas entrevistas individuais/virtuais no próprio ambiente de *chat*. Nesse tipo de coleta de dados, usei o modo "reservado". O usuário foi abordado no próprio ambiente de *chat* a partir de um roteiro de questões pouco rígido, o que me possibilitou liberdade para trabalhar assuntos de maior relevância.

Dessa forma, foram realizadas entrevistas individuais virtuais com informantes-chave da rede social que estava sendo estudada. Os membros da rede costumam se comunicar com maior intensidade com alguns que com outros. A coleta de dados foi realizada com os indivíduos que mais participam das discussões realizadas no modo bate-papo ou apenas enviando mensagens de *e-mail*. O objetivo dessa coleta de dados foi obter um conjunto maior de informações, captadas a partir das experiências dos informantes no ambiente virtual.

Além das entrevistas com alguns dos integrantes do grupo virtual do Caminho da Fé, participei do grupo de bate-papo com o intuito de compreender a rede social formada na "sala virtual", a maneira como ela se articula, questões pertinentes, enfim, ao "dia-a-dia" do *chat*. Os dados foram obtidos na interação pesquisador-usuários e entre usuário-usuário.

O *chat* do grupo do Caminho da Fé, como campo etnográfico, permite oferecer pistas para a reflexão dos novos laços de sociabilidade estabelecidos em nossa atual sociedade. O grupo de bate-papo é um veículo de comunicação utilizado pelos peregrinos e futuros peregrinos, com a finalidade de manter o contato entre um grupo de pessoas que compartilham interesses comuns.

Alguns conceitos foram utilizados como chaves para a interpretação do grupo virtual do Caminho da Fé como um novo espaço de relações sociais da sociedade contemporânea. Para tanto, recorri ao conceito de "sociabilidade" estabelecido por Simmel (1983) e o de "desterritorialização" cunhado por Ortiz (1994).

Vários autores da sociologia se ocuparam com o conceito de “sociabilidade”, desde Augusto Comte, Émile Durkheim, Karl Marx, Max Weber, até os contemporâneos, como Ferdinand Tönnies, Georg Simmel e Norbert Elias. Neste estudo, a sociabilidade é entendida a partir do referencial teórico de Simmel, que a define como forma específica do processo geral de socialização. Para Simmel (1983, p. 166), a socialização é constituída pelos impulsos, motivos, interesses e objetivos dos indivíduos. Esse conjunto de interesses e objetivos assume formas e conteúdos diferenciados. Nas palavras do autor (1983, p.166):

“Tudo que está presente nos indivíduos (que são dados concretos e imediatos de qualquer realidade histórica) sob a forma de impulso, interesse, propósito, inclinação, estado psíquico, movimento — tudo que está presente neles de maneira a engendrar ou mediar influências — designo como conteúdo, como matéria, por assim dizer, da socialização.”

A sociedade caracteriza-se como sendo dinâmica. Para Simmel, ela se encontra em constante transformação e permanente construção. Os indivíduos, atores socializados nesse processo de variadas maneiras de interação, jogam uns com os outros e até contra si mesmos. Segundo o autor, as necessidades e interesses individuais fazem com que os seres humanos se unam em formas de associações econômicas, religiosas e profissionais, entre outras. Os membros destas associações valorizam o “estar junto” e são levados a formar agrupamentos (SIMMEL, 1983, p.168).

Desse modo, viver em sociedade é realizar um constante fazer, desfazer e refazer de formas de convivência e relações de aproximação e de separação, de ações e reações recíprocas entre os indivíduos, de consenso e conflito, de competição, dominação-subordinação, presentes no jogo da sociabilidade. A capacidade dos homens, de poder associar e dissociar enfatiza a idéia da impossibilidade da realização das “formas puras” e da inevitabilidade da relação entre os opostos (SIMMEL, 1996).

Na sociedade contemporânea, apresentam-se novas maneiras de sociabilidade derivadas das inovações tecnológicas. Em um cenário em que o fluxo contínuo das trocas de informações acontece através dos meios de comunicação, é possível o estabelecimento de vínculos sociais nas comunidades virtuais (LEMOS, 2001). As novas relações oriundas da mediação tecnológica ampliaram a rede de relações entre as pessoas e construíram vínculos afetivos entre elas. Através da internet, podem-se manter relacionamentos com pessoas que vivem em diversos lugares do mundo, sem a necessidade do contato físico anterior. Essa prática de se relacionar, cada vez mais comum, está instaurando novos comportamentos que sinalizam para novas possibilidades de socialização.

Outro conceito importante para a compreensão dos novos laços de sociabilidade construídos na sociedade contemporânea é a desterritorialização. Com a velocidade das técnicas na sociedade moderna, Ortiz (1994) chama a atenção para o surgimento de uma sociedade global de consumo, motivada pela essencialidade e mobilidade dos indivíduos, ocasionando um mundo em um não lugar. Em outras palavras, cada vez mais os espaços que separam a comunicação entre as pessoas estão diminuindo. Dessa forma, a internet através da comunicação via correio eletrônico, *chats*, entre outras ferramentas disponíveis, está possibilitando o

diálogo entre as pessoas de diferentes localidades do mundo e a distância geográfica não é mais uma barreira para o estabelecimento de laços de sociabilidade.

A “reinvenção da *Communitas*” nos novos espaços de sociabilidade

Para Van Gennep (1960), todos os rituais de passagem caracterizam-se por três fases: a primeira, conhecida como separação, abrange o afastamento do indivíduo ou grupo de um ponto fixo anterior na estrutura social ou de um conjunto de condições culturais. A segunda, conhecida como “limiar” ou margem: nessa fase, as pessoas não pertencem às redes de classificações que determinam a localização de estados e posições num espaço cultural. Na terceira fase, quando acontece a passagem, o sujeito ritual realiza a comunhão com todos os envolvidos e compartilham normas e padrões éticos comuns a um grupo.

Segundo Turner (1974, p.119), a segunda fase dos rituais de passagem surge no período liminar e é quando a sociedade passa a ser considerada uma comunidade de indivíduos iguais, sujeitos às regras das autoridades dos rituais. Ao conceituar essa modalidade de relação social decorrente dos estados liminares engendrados pelos rituais de passagem, o autor utiliza a palavra latina *communitas* para designar a “área de vida em comum”.

Para Turner, a “*communitas*” caracteriza-se por uma relação entre indivíduos concretos, históricos, idiossincráticos. Essa relação não os diferencia em função da posição social e, sim, integra-os através de um confronto direto e imediato de identidades humanas. No entanto, Turner chama a atenção para a efemeridade dessa fase, ou seja, a espontaneidade e a imediatismo dessa relação, em pouco tempo, transformam-se em estrutura. Isso acontece quando as relações livres entre os indivíduos modificam-se em relações governadas por normas sociais.

Ao estudar a estrutura das peregrinações marianas na Europa e no México, Turner as aproxima da experiência de “*communitas*”. Para ele, a peregrinação produz um espaço simbólico onde regras, hierarquias e valores morais são suspensos em função da comunhão entre os indivíduos que compartilham a mesma experiência. Segundo Turner, quando os peregrinos estão viajando para o lugar sagrado, entram num estado de liminaridade que os modificam para serem reincorporados em suas comunidades de origem.

Portanto, para Turner, a peregrinação apresenta um caráter antiestrutural que leva sempre para a experiência de *communitas*, atraindo, dessa forma, os peregrinos. Ao deixarem a estrutura com suas regras e valores, os peregrinos buscam a integração na *communitas* para restaurar sua individualidade essencial. Como sugere Steil (2003 p.42): “É essa busca da *communitas*, presente em todas as sociedades humanas e em todas as religiões, que torna a experiência da peregrinação um universal da cultura”.

No entanto, quando verificado etnograficamente, o modelo proposto por Turner não se confirmou. Eade e Sallnow apontam a inexistência de uma base empírica para a teoria de Turner. Muito pelo contrário, todos os trabalhos sobre o tema mostram a manutenção, em muitas ocasiões, das distinções sociais no contexto das peregrinações. A reintegração dos indivíduos e a dissolução ou atenuação das divisões sociais não apareceram como sugere o modelo turneriano. Contudo, isso não significa a ausência da “*communitas*” como uma experiência presente nas peregrinações, mas chama a atenção para os limites de aplicação de um modelo fechado e universal em um fenômeno complexo e variado como a peregrinação, inserida em diversos contextos históricos e culturais.

No Caminho da Fé, os valores da “*communitas*” podem ser observados também para além do momento da situação liminar da peregrinação. Quando se reverte para o interior da sociedade, ou seja, para a estrutura, a experiência da “*communitas*” possibilita o surgimento de sociabilidades, confrarias e associações. Esse fenômeno foi denominado por Steil (2003) de “reinvenção da *communitas*” e pode ser verificado nas associações originadas pós-peregrinação que encontrei durante o trabalho de campo. E é uma dessas associações que irei analisar a seguir.

São três as associações ligadas à peregrinação no Caminho da Fé: o grupo virtual do Caminho da Fé, a associação dos Amigos do Caminho da Fé e a república “Águas Livres”. Pode-se afirmar, portanto, que, na primeira associação, a interação social acontece de maneira virtual ou *on-line*, enquanto nas demais, a interação acontece de maneira presencial ou *off-line*. No entanto, todas as três podem ser consideradas espaços de sociabilidade que remetem à experiência da *communitas*.

Giddens (2002) traz algumas reflexões relevantes para pensar as relações de sociabilidade que são estendidas para além da experiência da peregrinação no Caminho da Fé. Para esse autor, a modernidade⁴ altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos da vida pessoal. Uma das características marcantes dessa época é a dialética entre o local e o global, marcada pelas “influências globalizantes de um lado e disposições pessoais de outro”. Giddens analisa como essas interconexões (local/global) são capazes de colaborar para o surgimento de novos mecanismos de “auto-identidade”⁵ constituídos pelas instituições modernas.

A vida social moderna, além da reflexividade institucional, que envolve a incorporação rotineira de conhecimento como um atributo necessário para pensar a “auto-identidade”⁶, é caracterizada também por reorganização profunda do tempo e do espaço associados aos mecanismos que descolam as relações sociais de seus lugares específicos e recombina-nas através de grandes distâncias no tempo e no espaço. Esse processo radicaliza e globaliza traços institucionais determinados pela modernidade e atua na transformação da natureza e do conteúdo da vida social cotidiana (GIDDENS, 2002, p.10).

Outra característica que a modernidade apresenta é a dúvida radical que pressupõe que todo o conhecimento tenha a forma de hipótese — mesmo que considerada verdadeira, a afirmação está sujeita a verificação, podendo ser afirmada ou negada. Os sistemas de conhecimento acumulado representam

O Grupo Virtual do Caminho da Fé: Novos Espaços de Sociabilidade na Sociedade Contemporânea

diversas fontes de autoridade, que podem, na maioria das vezes, ser contestadas internamente em suas implicações, ocasionado incertezas e múltiplas escolhas capazes de redimensionar a noção de “confiança” nas relações sociais.

Dessa forma, a questão da confiança no contexto da “alta modernidade” — o mundo de hoje — não está mais atrelada aos antigos laços de parentesco e amizade vinculados a um padrão de sociabilidade comunitária. As relações pessoais, diante dos mecanismos de “desencaixe”, passam a significar um projeto a ser construído, implicando uma abertura do indivíduo para com o outro e resultando em um processo de mútuo de auto-revelação. Isto é, o vínculo social elaborado nesse contexto é construído pelo indivíduo a partir de suas afinidades e necessidades (GIDDENS, 1991, p.121-126).

Em um dos polos da interação entre o local e o global está o que Giddens denomina de “transformação da intimidade”. A intimidade tem suas formas próprias de ordenamento interno e sua reflexividade. Dessa maneira, surge como protótipo das novas esferas da vida pessoal a denominada “relação pura”. A relação pura é uma relação que existe em função do que ela própria pode fornecer. Ela necessita do “compromisso”, ou seja, de uma forma específica de confiança, para que se concretize. Como enfatiza Giddens (2002, p.14 e 90):

“Este (o compromisso), por sua vez, deve ser entendido como um fenômeno do sistema internamente referido: é um compromisso com a relação enquanto tal, assim como com a outra ou com as outras pessoas envolvidas.

(...) O compromisso, dentro da relação pura, é essencialmente o que substitui as âncoras externas que as relações pessoais próximas costumam ter em situações pré-modernas.

(...) O que é uma “pessoa comprometida” no contexto de uma relação próxima? É alguém que reconhecendo tensões intrínsecas a uma relação da forma moderna, ainda assim está disposto a correr o risco, pelo menos até certo ponto – e que aceita que as únicas recompensas serão aquelas inerentes à própria relação.”

A natureza do vínculo social elaborado no interior das associações pós-caminho se aproxima do conceito de “relação pura”. A relação entre as pessoas que participam das associações não está ancorada em condições exteriores da vida social e econômica. Muito pelo contrário, o vínculo estabelecido entre essas pessoas acontece mais pela satisfação emocional que deriva do contato próximo com o outro e, enquanto essa satisfação persistir, ele se mantém (GIDDENS, 2002, p.87). Existe um compromisso entre as pessoas de manter e preservar a relação desde que esta gere satisfação para ambas as partes.

Além da satisfação pessoal do relacionamento, as pessoas que se encontram nessas associações do Caminho da Fé possuem um interesse em comum: a peregrinação. Pode-se dizer que existe uma afinidade entre elas, uma vez que adotam “estilos de vida” em afinidade com o “ser peregrino”. Isto é, são práticas rotinizadas que incorporam hábitos, crenças, valores, escolhas e desejos que remetem ao ato de planejar, realizar ou refletir sobre a prática da peregrinação. Esses associados fazem, da prática da peregrinação, uma das esferas de significado de suas vidas, escolhidas no tempo-espaço, como uma forma de comportamento a ser adotado de maneira planejada. O planejamento da vida, diz Giddens (2002), requer a preparação para o futuro e a interpretação do passado. “Ser peregrino” envolve todos os discursos e

reflexões daqueles que planejam a peregrinação e também daqueles que já a realizaram e necessitam, portanto, de um ambiente institucional para dar forma às suas ações. O espaço das associações oferece, de certo modo, esse local para que os agentes sociais atualizem e expressem uma escolha pessoal do mundo off-line.

Dessa forma, na modernidade preconizada por Giddens (2002), as relações de amizade são escolhidas livremente diante de várias possibilidades e a comunicação de massa e a comunicação eletrônica, sem dúvida, têm colaborado significativamente para a realização de uma nova sociabilidade entre os indivíduos e grupos. E é sobre a interação social mediada pelo computador, via internet, que irei tratar a seguir: especificamente, sobre os relacionamentos *on-line* que acontecem no grupo virtual do Caminho da Fé.

O grupo virtual do Caminho da Fé

O grupo virtual do Caminho da fé está localizado no provedor de acesso à internet *Yahoo Grupos*, Brasil. Seu endereço eletrônico na internet é <<http://br.groups.yahoo.com/group/caminhodafe>>. É um grupo que agrega os peregrinos e futuros peregrinos do Caminho da Fé. Foi fundado em sete de março de 2003 e conta com 317 associados (dados obtidos em 31/05/10).

A página inicial do grupo apresenta alguns recursos disponíveis aos associados. Do lado esquerdo da tela do computador, uma janela apresenta os seguintes serviços: mensagens, envio de *e-mails*, bate-papo, local para a interação *on-line*, arquivos, textos e diários de viagem dos peregrinos, álbuns de fotografias do Caminho, *links* relacionados à peregrinação, banco de dados com informações dos associados e enquetes. Há ainda recursos de busca para se obter informações sobre os peregrinos— associados —, inclusive o nome e *e-mail* de todos eles.

As mensagens são trocadas diariamente entre os associados e existe o recurso de serem enviadas apenas para um dos associados ou para todos associados do grupo. Alguns informantes me revelaram que participam do grupo apenas para mandar e receber as mensagens. É o caso de uma das integrantes do grupo. Segundo ela, não há muitos debates e discussões no grupo. As mensagens são trocadas para auxiliar os futuros peregrinos e enfrentar as dificuldades da Serra da Mantiqueira. Ela mesma não participa do *chat* e apenas troca mensagens quase todos os dias.

A internet, segundo os gestores do Caminho, é fundamental para a divulgação da rota. É uma forma de propaganda e, também, mantém vivo o “espírito peregrino”: mesmo depois da caminhada, as pessoas podem reencontrar amigos que conheceram no período que estavam fazendo a peregrinação. Assim, o ambiente virtual agrega pessoas que querem fazer amizades, sendo as peregrinações o principal motivo da relação. A esse respeito, uma das participantes do Grupo Virtual afirmou: “Os peregrinos têm características semelhantes, o que favorece a amizade sincera”.

O Grupo Virtual do Caminho da Fé: Novos Espaços de Sociabilidade na Sociedade Contemporânea

Outro recurso da página do grupo na internet é uma tabela com o histórico das mensagens enviadas desde março de 2003, quando foi criado, até maio de 2010, quando realizei a última verificação. De acordo com esses dados, novembro de 2003 foi o mês em que houve o maior número de mensagens enviadas: foram 582 mensagens. As mensagens do ano 2003 referiam-se a pedidos de informações e dicas sobre o percurso.

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
2010	12	4	11	1	3							
2009	5	1	5	3	2	4	5	3	8	3	9	2
2008	3	8	16	6	13	14	6	21	9	5	9	18
2007	20	9	4	13	24	11	17	3	14	65	25	12
2006	42	46	52	59	52	70	49	51	41	61	121	25
2005	144	226	184	175	90	52	55	93	144	80	83	114
2004	395	318	283	88	137	131	122	99	125	118	76	103
2003			3	57	59	244	464	455	241	321	582	318

Fonte: <http://br.groups.yahoo.com/group/caminhodafe>

Na internet, esse tipo de contato pode ser feito de várias maneiras, sendo que as três principais são o *Web chat*, o ICQ (*I seek you*) e o IRC (*International Relay Chat*), sendo esta última utilizada pelo *chat* do Caminho da Fé. Para a utilização do IRC, o usuário precisa de um programa específico. Existem vários aplicativos que servem a esta finalidade, porém o mais usado pelos internautas é o IRC. Para acessá-lo, o usuário conecta-se a um servidor de IRC. Um servidor é um meio de acesso a uma rede onde os usuários podem se comunicar. As redes são compartilhadas por servidores interconectados entre si. Para a utilização do IRC, depois de escolhido o servidor, o usuário escolhe o seu *nick*. *Nick* é o apelido, ou nome pelo qual a pessoa vai ser chamada dentro desse servidor. Em seguida, a pessoa escolhe um canal e dentro desse canal, inicia o bate-papo em tempo real com outros usuários. Os canais são agrupados segundo temas em comum: nomes de países, cidades etc. Um canal tem o mesmo significado que sala de *chat*.

Uma vez dentro do canal, o usuário pode manter conversas públicas ou privadas com outros usuários. Numa tela principal, podem “teclar” todas as pessoas presentes. Uma vez dentro do canal, o usuário pode manter conversas públicas ou privadas com outros usuários. Em paralelo a esse procedimento, o usuário pode “cliquear” os *nicks* das pessoas presentes para ter com elas uma conversa particular. Cada usuário pode participar de quantos canais quiser simultaneamente, bem como falar com tantas pessoas quanto desejar. Cada canal possui um ou mais moderadores, que são as pessoas que definem e zelam pelo cumprimento das regras do canal. Essas regras se referem aos vários tipos de comportamento: a etiqueta, o linguajar, a proibição de propagandas e brigas etc. As pessoas que cumprem essa função são identificadas pela

presença do símbolo arroba (@) na frente do seu *nick*. Somente eles têm meios de excluir pessoas que infringirem as regras estabelecidas no canal.

A internet oferece os serviços de conversação por correio eletrônico (*e-mail*) e por *chat*. O correio eletrônico possibilita a troca assíncrona de mensagens e arquivos. O *chat* oferece a troca de mensagens escritas sincronicamente. Em ambos os modos de comunicação, é possível ocorrer o fenômeno de interação social. O “*chat da internet*” está localizado em um sítio e apresenta a interface gráfica da *web*, ou seja, é formado concomitantemente pela conversação escrita, imagens gráficas e hipertexto. O grupo por mim estudado faz uso do *chat IRC (Internet Relay Chat)*, que se caracteriza por ser “um sistema de conversa multiusuário baseado no modelo cliente-servidor” (PEREIRA, 1999, p.11). Nesse caso, o usuário precisa se cadastrar no servidor antes de utilizar o sistema.

Atualmente existe uma infinidade de *chats* na internet que aglutinam seus diversos usuários, os quais buscam participar de listas de discussões e de bate-papo, fazer amigos ou namorar, participar de jogos, enfim, interagir socialmente. Esse fenômeno é materializado na quantidade de ambientes de comunicação que proliferam na internet e no número de pessoas que os utilizam.

Em alguns *chats*, o princípio do anonimato atinge seu ápice. Não é o caso do *chat* do grupo do Caminho da Fé, que é um tipo de servidor IRC. O usuário tem um vínculo mínimo: preenche um cadastro com o nome, *e-mail* e senha e, assim, pode ter acesso ao bate-papo. Ao clicar no item bate-papo, surge uma “sala” virtual, considerada o local de interação *on-line* entre os associados. Uma janela possibilita ao usuário acompanhar as mensagens de usuário-para-usuário no “modo aberto”, bem como as suas mensagens enviadas e as suas recebidas de demais usuários que foram emitidas no “modo reservado”. No “modo aberto”, a mensagem enviada aparece no monitor dos demais usuários conectados no *chat*. No “modo reservado”, a mensagem aparece apenas no monitor do usuário ao qual se envia a mensagem. No rodapé da página, há um formulário para o envio da mensagem. Dele constam as seguintes informações: nome do remetente (é fixo), nome do destinatário (escolhido livremente em uma lista que apresenta os usuários conectados no momento), comando de ações, *emoticons* ou “carinhas”, espaço para a mensagem (lugar onde se escreve a mensagem e que tem um limite máximo de número de caracteres) e um botão para enviar a mensagem. Assim que esta é enviada, o formulário tem seus campos de preenchimento limpos e ela é vista na janela das mensagens.

Os *emoticons* são recursos visuais presentes no formulário do sítio. São seis rostos estilizados que representam emoções diferentes: normal, olho piscando, raiva, susto, indagação e tristeza. É um recurso pouco utilizado pelo conjunto dos usuários. Deve ser escolhida uma por ocasião do envio da mensagem, porém, a maioria dos usuários utiliza a expressão normal por ser a que aparece caso não haja nenhuma escolha (modo *default*).

O usuário também tem a possibilidade de escolher a maneira como vai se dirigir a outro usuário, se vai “falar com fulano”, “beijar”, “sussurrar”, “gritar” etc. (comando de ações). Novamente, a grande maioria

O Grupo Virtual do Caminho da Fé: Novos Espaços de Sociabilidade na Sociedade Contemporânea

das mensagens é enviada no modo *default*, formada pela ação "fala com", que não exige escolha por parte do usuário.

A dinâmica do bate-papo do grupo estudado é a mesma descrita pela psicóloga Evelise Fortim de Campos (2000) em um artigo intitulado "Tudo o que você queria saber sobre as salas de *chat* (bate-papo) e não tinha a quem perguntar":

Imagine uma sala cheia de pessoas. Gente de todas as idades, conversando animadamente. Existem alguns grupos formados, pois já se conhecem há algum tempo. Mas tem alguma coisa diferente. As pessoas não estão vendo a cara uma das outras! Há outra coisa curiosa: as pessoas falam com muitas, mas muitas pessoas ao mesmo tempo. Alguém vem conversar com você. Mas... quem é essa pessoa? Tudo o que vejo é um nome em uma tela!

A primeira sensação que se tem ao acessar o *chat* do Caminho da Fé é a existência de um discurso fragmentado. Diante dos olhos, tem-se um conjunto de texto amorfo sendo modificado a cada segundo. O texto é formado por um conjunto de mensagens: de "fulano para sicrano", de "sicrano para beltrano", de "beltrano para fulano" etc. Na medida em que se vai acompanhando a dinâmica do *chat*, o texto vai tomando forma. Os fulanos, sicranos e beltranos vão sendo nomeados, e suas conversas, acompanhadas. Aos poucos, os diálogos tomam formas e é possível entender a conversa que se desenvolve no *chat*, bem como os vários grupos que se constroem a todo instante.

Os assuntos e conversas são desenvolvidos ora em pequenos grupos, ora pela quase totalidade dos usuários conectados ao *chat* naquele instante. Os temas podem surgir a qualquer instante. Não seguem uma regularidade, mas se caracterizam por assuntos ligados à peregrinação, tais como dicas para fazer o Caminho, poesia, religião e política entre outros.

As pessoas mais ligadas entre si transformam o *chat* em um ponto de encontro. O elemento que define o ponto de encontro é o horário. Dessa forma, o usuário sabe em que momento encontrar seus "amigos", tanto o que acessa o *chat* diariamente, como aquele que ficou algum tempo afastado por algum motivo qualquer, mas está retornando ao convívio na rede:

Amigos do CF,
Depois das férias, cursos, reciclagens... e muitas mudanças pessoais... estou de volta, fiquei vários dias sem comunicar com o grupo, que saudades de todos e do Caminho. M⁷
Amigos,
Estou voltando a escrever neste grupo, após ter voltado do Caminho, peço desculpa pela falta de notícias minhas aos amigos virtuais. C
Depois de longo tempo de reclusão voluntária, estou voltando ao dia-a-dia do grupo. Abraço a todos, J.

No *chat* são passadas informações para os peregrinos "calouros" e muitos bate-papos visam passar as experiências daqueles que já realizaram a peregrinação. Os peregrinos que se informam e seguem as

recomendações dos “veteranos” são bem acolhidos pelo grupo. Diferentemente, aqueles que realizam o Caminho sem serem orientados são denominados pelos associados como “os peregrinos do caminho do burro”, como mostra um trecho de um bate-papo realizado em dezembro de 2004.

Fiquei sabendo de um grupo de três moças com mochilas imensas? (M)
Pois é! Elas não tinham noção do trajeto. (J)
E aí ficaram pedindo carona. (M)
Uma desistiu e a outra despachou a “mala” via correio. (F)
Elas não fizeram o Caminho da Fé e sim o “Caminho do Burro” (M)
Os perê devem pegar informações com quem já fez o caminho. (T)
Atenção!!! Se tiver alguém querendo dicas pode perguntar. Caso o contrário pode se dar muito mal.
(J)

Algumas situações de conflito também aparecem nas discussões do grupo e elas são resultantes do uso indevido que alguns associados fazem do *chat*. Como exemplo, o uso para passar “correntes” que visam ganhar dinheiro fácil e propagandas de acessos mais eficientes à internet. Alguns diálogos travados na sala virtual ilustram como os *chats* podem ser também locais de conflitos

Continuam usando este espaço para coisas que não tem nada a ver com o grupo. (D)
Concordo! Como se ganhar dinheiro fosse fácil. (M)
Não dá pra banir esse tal de “Leonardo” da Lista? Só me manda lixo. (V)
Joice, larga a mão de fazer merda! Você vacilou em usar esta caixa!
Por favor, não use essa. Se você quiser usar, use o Nickelbart, esse grupo é somente para informações, troca de experiências, ideias, sob o Caminho da Fé; única e exclusivamente para isso.
Se liga, hein!!! Fala com o Snoop, meu irmão, que ele vai te passar as coordenadas aqui eu não sou mais o Coyote, só nas pistas. Fui.

Além da peregrinação no Caminho da Fé, vários outros assuntos são discutidos no *chat*. As pessoas trocam poesias, mensagens de aniversário, natal, páscoa etc. Também são trocadas experiências profissionais, fotos, receitas culinárias e indicações de livros, filmes e lugares para se conhecer. Alguns buscam companhia para programas nos finais de semana e feriados. Outros gostam de passar dias discutindo filosofia, psicologia, religião, política e até medicina. Ainda há aqueles que usam o *chat* para discutir o término do casamento ou lamentar a traição de um sócio nos negócios. Enfim, durante os três anos de observação, pode-se dizer que o espaço virtual estudado agrega uma pluralidade de discursos que têm como ponto de partida o interesse pelo Caminho.

Casos dos participantes do chat

As histórias dos participantes do *chat* do Caminho da Fé revelam uma nova maneira de sociabilidade entre indivíduos e grupos mediada pela internet, onde o “espaço virtual”, na sociedade contemporânea, é um dos principais locais para o estabelecimento das “relações puras”. A seleção dos informantes foi feita

devido à importância que possuem no grupo de bate-papo: selecionei os que estão sempre presentes e lideram os principais projetos ligados ao Caminho da Fé.

O caso de J

J utiliza o *chat* do grupo desde 31 de dezembro de 2003, no horário do trabalho, nos intervalos de seus afazeres. Ele tem 52 anos, é funcionário público do município de São Paulo, bacharel em direito e divorciado. Começou a frequentar o *chat* para conhecer mais sobre o Caminho da Fé, uma vez que desejava realizar a peregrinação em suas férias.

Ele encara o seu envolvimento com as pessoas do *chat* como uma relação de amizade, principalmente com as pessoas que integram uma espécie de “subgrupo”. Para ele, a relação de amizade está presente tanto no ambiente do *chat*, como na vida real. A afetividade das relações é explicada, por ele, como resultante de afinidades e dos objetivos comuns de quem frequenta o *chat*.

A internet é percebida por ele como um “canal” entre o virtual e o real. Todos os acontecimentos da vida pessoal e profissional dos seus “amigos” do *chat* são compartilhados. Como J revela, “existe uma relação de solidariedade entre nós”.

O informante tem um relacionamento com as pessoas na internet, o qual se caracteriza pela presença de muitos elementos concretos. Muitas informações sobre os associados do grupo são trocadas espontaneamente ao longo das conversas. Ele conhece pessoalmente seus amigos virtuais, tem seus telefones e sabe onde alguns residem e trabalham.

Ele manifestou “fascinação” pelo poder que a internet tem de aproximar as pessoas. Para ele, a internet é o “meio” que aproxima as pessoas. O “fim” é o relacionamento “real”, *off-line*, com a presença física. Aliada à característica de fascinação está a de curiosidade. Na opinião de J, esta última faz com que se converse com uma pessoa desconhecida no *chat*. Outro elemento presente nas conversas no *chat* é a “busca de afinidades”. É o que determinaria a continuidade da relação/conversa, ou o seu imediato término. Nesse ponto, o informante também mencionou que há, no ambiente de *chat*, a “liberdade de escolha” da pessoa com quem se inicia uma relação/conversa, ou mesmo, liberdade de encerrar a comunicação/conversa, o que J não teria coragem de fazer no mundo *off-line*.

O que atrai J para uma conversa? A grande maioria das conversas observadas que se iniciam no *chat* tem por princípio a busca das informações sobre o Caminho. Àqueles que têm mais experiência, as pessoas pedem dicas e informações sobre a peregrinação. Querem saber sobre as características geográficas, sobre as pousadas e questões práticas como a presença de agência bancária nas cidades pequenas.

Frequentemente ele conversa várias vezes com as pessoas que pediram informações. J vê como positiva essa retomada da conversa em um momento futuro. Pelo seu comentário anterior, de que a internet seria

"o canal para o real", essa conversa futura ocupa lugar natural no seu processo ideal de relacionamento, que teria a internet como "meio" e o real como "fim" ("passam do virtual para o real", "nada substitui a presença das pessoas").

A experiência de J no *chat* significa a sensação de pertencimento a uma coletividade. Sua entrada para o grupo é comparada ao marco saudoso de uma passagem importante na sua vida: quando começou a conhecer seus amigos do *chat*, sentiu-se "parte de uma turma, como na época da faculdade".

J começou a frequentar o *chat* em um momento de sua vida em que se sentia solitário. Aliado a isso, surgiu a vontade de começar a fazer "caminhadas", tendo sido esse o motivo para entrar para o grupo do Yahoo: "Estava sem o que fazer nos finais de semana e me sentia muito sozinho em casa, foi quando vi a reportagem sobre o Caminho da Fé na tv".

O conhecimento *off-line* das pessoas com quem conversava no *chat* significou para J uma melhora qualitativa no seu relacionamento com elas. Conheceu melhor as pessoas com as quais conversava via computador e pôde selecionar aquelas com quem tinha maiores afinidades e identificação.

O *chat* deixou a vida de J mais "interessante". Trouxe novos amigos e novos projetos. Fez sentir-se mais valorizado e mostrou a ele seu espírito de liderança entre a turma, como ele me revelou: "Todos os dias fico curioso para ler as mensagens e saber qual vai ser a caminhada do próximo final de semana. Às vezes eu organizo os encontros do nosso "grupo" é necessário ter alguém para viabilizar os encontros no mundo "real"".

J compara a internet ao telefone e o computador a outro equipamento eletrônico qualquer, como o celular, micro-ondas, máquina de lavar, geladeira, que já fazem parte da sua vida. Ficar preso ao computador, para ele, é igual a ficar preso a esses equipamentos do cotidiano. Ele critica o usuário que se prende apenas ao computador para estabelecer novas relações sociais, valorizando a experiência *off-line* para a concretização de uma verdadeira amizade.

A experiência de J mostra alguns aspectos que motivam o início do relacionamento via computador. No seu caso, estiveram presentes as ideias de solidão e interesse por peregrinações. Dessa forma, a participação no *chat* trouxe amizades e encontros com pessoas com as quais se identifica.

O caso de M

M é secretária com bacharelado em letras, tem 31 anos e se considera "solteiríssima". Entrou para o grupo em fevereiro de 2004, após ter feito o Caminho em janeiro do mesmo ano. Ficou sabendo da existência da associação virtual durante a jornada: "Acho que foi lá na pousada do Peregrino em Águas da Prata que me falaram desses encontros pela internet."

M contou que entrou pela primeira vez no *chat* por curiosidade. Ela e J organizaram o primeiro encontro da turma, que teve a participação de 12 pessoas. E foi uma caminhada noturna no trecho que liga

O Grupo Virtual do Caminho da Fé: Novos Espaços de Sociabilidade na Sociedade Contemporânea

Inconfidentes a República Águas Livres, o “quartel dos peregrinos”, brinca a informante. O encontro aconteceu em julho de 2004 e foi um sucesso. A partir de então, nunca mais pararam de realizar as caminhadas noturnas.

Ela conhecia pessoalmente alguns integrantes do grupo, pessoas que encontrou nas pousadas quando fez a peregrinação. M comentou que não tem dificuldade alguma em fazer novas amizades, nem no modo *on-line*, nem no *off-line*. No entanto, considera que no *chat*, no modo *on-line*, há facilidade. A facilidade a que ela se refere é a liberdade maior de escolher entre aqueles com quem se tem maiores afinidades. Por exemplo, ela relata: “Algumas pessoas conversei duas vezes e nunca mais, outras parece que seremos amigos pra sempre. O “santo” bate daí é só preservar”.

Ela acha que as pessoas, de modo geral, acessam a internet para fazer amizades e buscar informações. “Um ponto de encontro capaz de reunir pessoas de todos os lugares e ainda fica mais barato do que os telefonemas e ainda tem a vantagem de poder conversar com várias pessoas ao mesmo tempo”, sintetiza M.

M conta que, no início, “teclava” pouco, mas, com o passar do tempo, começou a “entrar mais no *chat*” e a ficar por períodos maiores.⁸ M aumentou significativamente o seu acesso à internet, passando a “teclar” todas as noites, o que sugere ter havido um estreitamento das relações na rede social de que ela participava. Ela mesma confirmou que conquistou muitos amigos, que sua rede de amizades está cada vez maior.

O caso de JJ

JJ tem 28 anos, é solteiro, mora em São Paulo e trabalha como analista de sistemas. Começou a frequentar o *chat* no final de 2004, em meados de novembro. O primeiro encontro presencial com o grupo aconteceu no feriado da Semana Santa, em abril de 2005.

Ele também faz parte do chamado “subgrupo” do grupo, que são pessoas que estabeleceram laços de amizades mais estreitos entre todos os outros associados. Segundo JJ, a amizade entre eles é mediada pelo amor ao Caminho da Fé. Todas as vezes que conversam, no *chat* ou nos encontros, sempre falam da experiência da peregrinação como algo extraordinário: “É mais interessante compartilhar o que passamos durante a caminhada com quem já viveu a mesma experiência”.

Sobre as pessoas que acessam o *chat* de uma maneira geral, ele acha que o fazem para fazer novos amigos e acabar com a solidão. A avaliação que JJ faz dos usuários de uma maneira geral possivelmente está relacionada à sua própria experiência pessoal, visto que, antes de começar a acessar o *chat*, ele se encontrava em uma situação com fracos (ou inexistentes) laços de amizades em seu novo local de moradia, situação gerada pelo afastamento de sua cidade natal, onde estava inserido em uma rede social

mais densa. Antes, ele morava em uma cidade do interior de Minas Gerais e, por motivos profissionais, mudou-se para São Paulo.

Atualmente, ele utiliza mais a internet para manter a comunicação com seus amigos formados no *chat*. Ele cultiva os laços estabelecidos há cerca de dois anos. Costuma se encontrar com seus amigos do *chat* em "eventos", nos "encontros da turma", como também em situações mais próximas do cotidiano. Por exemplo, às vezes combina com amigos, que moram em São Paulo, sessões de filmes e almoços em sua casa.

A rede que, no início, estava presente apenas no modo *on-line*, passou a ocupar sua vida no mundo *off-line*. Essas transformações podem explicar a sua ausência do *chat*, ele justifica: "Sempre que posso prefiro encontrar a "turma" pessoalmente, os que moram aqui em São Paulo é mais fácil, mas, os que moram em outras cidades, só nos feriados. Ultimamente são tantos "encontros" que o bate-papo é utilizado apenas para marcar novos encontros da "turma"".

Considerações sobre as relações do grupo virtual do Caminho da Fé

Com a finalidade de compreender a associação virtual do Caminho da Fé, fez-se necessário trazer para este artigo as discussões que as ciências sociais estão realizando sobre o espaço virtual como local de manifestação da cultura em nossa sociedade, enfatizando os laços de sociabilidade resultantes da comunicação mediada pelas redes de computadores no mundo moderno.

Para entender as relações sociais travadas no interior da "sala de bate-papos" do Caminho da Fé, faz-se necessária a compreensão do *lócus* em que ela se realiza e dos reflexos dessas interações na cultura. Lévy (1999) chama de ciberespaço, ou rede, o novo meio de comunicação que emerge a partir da interconexão mundial dos computadores. O termo se refere à infra-estrutura mundial da comunicação digital e ao universo oceânico de informações que ela abriga, assim como aos seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Já o neologismo "cibercultura" é definido por ele como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Uma das principais características desse "local" é a rearticulação das noções de espaço e tempo. Embora, na atualidade, o seu surgimento esteja associado à tecnologia da informática, sua origem coincide com a gênese da espécie humana. Segundo Lévy (1996, p. 71), "a espécie humana emergiu a partir de três processos de virtualização: desenvolvimento das linguagens, multiplicação das técnicas e complexificação das instituições". A linguagem virtualiza o "tempo real". Às ferramentas coube a virtualização da "ação" (LÉVY, 1996, p.75), ou seja, do corpo e do ambiente físico. Com o crescimento das relações sociais, surge a

"virtualização da violência", que trata de ordenar o conjunto de forças e impulsos existentes na sociedade humana. Como aponta Lévy (1996, p.77):

“Através da linguagem, a emoção virtualizada pela narrativa voa de boca em boca. Graças à técnica, a ação virtualizada pela ferramenta passa de mão em mão. Do mesmo modo, na esfera das relações sociais, pode-se organizar o movimento ou a desterritorialização de relacionamentos virtualizados.”

Outra característica do virtual é não estar em oposição ao real. Lévy considera o virtual como o oposto do atual e critica a oposição vulgar entre virtual e real. Pelo contrário, "a virtualização é um dos principais vetores da criação de realidade" (LÉVY, 1996, p.18), sendo que quase sempre não se está no tempo presente. Essa seria a primeira característica específica do virtual. No caso da comunidade virtual estudada, essa característica fica clara ao lembrarmos que há uma desterritorialização. O grupo do Caminho da Fé existe, assim como seus projetos, afinidades e interações sociais, mas não está presente no aqui e agora, não tem lugar estável.

A segunda característica do virtual: tempo e espaço são substituídos, respectivamente, por interconexão e sincronização. Isto é, o virtual pode estar presente em qualquer lugar a qualquer hora, resultando na chamada "cibercultura", que deve ser considerada "como 'movimento social' liderado pela juventude metropolitana escolarizada e guiado pelas palavras de ordem: interconexão, criação de comunidades virtuais e inteligência coletiva" (LÉVY, 1999, p.123). "A cibercultura", segundo Lévy, é resultante da junção entre tecnologia e sociabilidade. Para ele, a essência paradoxal da "cibercultura" é a sua "universalidade sem totalidade" (LÉVY, p.111). O ciberespaço tende à universalização, como ocorreu, por exemplo, com os automóveis, a aviação, a eletricidade etc. O autor argumenta que isso se deve ao fato de o ciberespaço "constituir a infraestrutura de comunicação e coordenação dos outros grandes sistemas técnicos e por estar a serviço de outros fenômenos tecno-sociais que tendem à integração mundial: finanças, comércio, pesquisa científica etc." (LÉVY, 1999, p.113). No entanto, ao se universalizar, o ciberespaço acaba ficando "sem conteúdo", mais vazio, sem totalidade. O ciberespaço não tem um significado central, ocasionando o caos e (aparente) ausência de regras. Essas características podem ser observadas no *chat* estudado, quando outros interesses que não os estabelecidos pelos usuários invadem as discussões. Muitos integrantes do grupo virtual do Caminho da Fé reclamam da falta de regras sólidas nas interações *on-line*, que resulta em mensagens e discussões fora do objetivo principal dos associados, que é a peregrinação.

As características técnicas do ciberespaço são apresentadas por Lévy: o acesso à distância aos recursos de um computador (fornece uma potência de cálculo); a transferência de dados (*upload*); o correio eletrônico, vantagem de ter o texto digitalizado, sem passar pelo papel, com a possibilidade de ser enviado a um número imenso de pessoas sem a utilização da fotocópia ou o telefonema para todos; a realização de conferências eletrônicas (no *chat* são inventados novos estilos de interação e escrita); os grupos virtuais "tornam-se uma forma de contatar pessoas não mais em função de seu nome ou de sua posição

geográfica, mas a partir de seus centros de interesse" (Lévy, 1999:100). Quase todos os integrantes do grupo virtual do Caminho da Fé participam da lista de discussão *on-line* com a finalidade de trocar experiências sobre peregrinações.

Para Rocha (1996), o novo tipo de sociabilidade via computador acarreta alterações nas formas de sociabilidade entre os indivíduos e grupos urbanos de sociedades complexas e modernas. Transforma suas noções de tempo e espaço (ROCHA, 1996). Esta proposição está de acordo com o conceito genérico de "virtual" proposto por Lévy. Rocha (1996) chama a atenção para a possibilidade que o indivíduo tem de escolher seu papel. Não fica exposto, é representado pelo seu imaginário. O indivíduo tem o poder de estar, através da internet, presente em todo o mundo. Da mesma forma que todo o mundo pode acessá-lo, pois ele tem um lugar só seu.

Outra característica apontada por Rocha é o "sentido místico" do ciberespaço. Ele decorre fundamentalmente do fato de nossas leis ordinárias (do mundo *off-line*) não terem validade no lado de lá — *on-line* (ROCHA, 1996). Existem regras, mas são regras diferentes. Rocha também faz menção à inexistência da presença corporal humana no ciberespaço. O computador fica sendo uma "prótese do indivíduo". Um equipamento melhor tem um componente de fetichismo e fascinação. Ele possibilita um relacionamento melhor na rede. Pode ser diretamente responsável por uma comunicação melhor, qualitativa e quantitativamente. Pode ser comparado ao universo competitivo masculino, onde há a necessidade, em certos casos, de se ter o melhor carro, o mais veloz etc. (p.8). Para o autor, no ciberespaço existe um desligamento do corpo. Ele se refere a uma nova cultura baseada na trindade de elementos: usuário, portal e ambiente de existência momentânea.

Para Jungblut (2000), há uma perda de referencial no mundo *on-line*. Há uma fragmentação do eu no mundo *on-line* (que já era constatado no mundo *off-line*). Tempo e espaço tornam-se irrelevantes no mundo ciberespacial, onde ocorre uma potencialização das ações individuais e a aproximação do indivíduo com "poderes mágicos". A possibilidade que se tem de ir e vir em segundos através de distâncias que, antes, eram quase intransponíveis, buscar informações instantâneas e o desejo de viver várias identidades fazem com que o indivíduo tenha poderes de onipresença, onipotência e onisciência.

Outra importante característica do mundo *on-line* é a valorização do anonimato. "... o anonimato é um dos princípios mais valorizados em sociabilidade via internet" (JUNGBLUT, 2000, p.137). No *chat* estudado, os usuários recusam o anonimato em grau mais elevado do que geralmente se observa nos demais *chats*. A explicação para esse comportamento deve-se à possibilidade de reencontrarem, no mundo *off-line*, as pessoas que conheceram no *chat*. No entanto, vários informantes me revelaram que, às vezes, ficam apenas observando as conversas do *chat* e não se manifestam.

Lévy apresenta os dois tipos de navegação e obtenção de informações na internet: caçada e pilhagem. As duas apresentam-se misturadas. A primeira refere-se ao procedimento de uma pessoa que quer informações precisas o mais rapidamente. A segunda caracteriza o comportamento do internauta que vai

O Grupo Virtual do Caminho da Fé: Novos Espaços de Sociabilidade na Sociedade Contemporânea

"de link em link, de site em site" recolhendo informações, podendo ser desviado a qualquer instante (LÉVY, 1999, p.85). A pilhagem ocorreria em *chats* de conversação, onde o internauta estabelece contato com uma série de outros internautas, podendo ser desviado a qualquer momento. A caçada seria aquele tipo de procura onde o internauta busca amigos com afinidades em sites especializados, sendo este o caso dos associados do grupo do Caminho da Fé. As pessoas que são adeptas ou pretendem ser adeptas das caminhadas, por exemplo, podem se inscrever nas listas sobre peregrinações nos grupos disponíveis na internet.⁹

De acordo com Palácios (2000), o ato de "fazer amigos" (processo de formação do laço de afinidade social) na internet contrapõe a "maneira tradicional" à "maneira da Rede". Na maneira tradicional, o indivíduo procura a existência de afinidades entre seus conhecidos, seus próximos: colegas, vizinhos etc. Manifestando suas opiniões e sua personalidade, o indivíduo cria os laços de afinidade. Em uma comunidade virtual, ocorre o inverso. Ao contrário da maneira tradicional, onde primeiramente ocorre a aproximação e, em seguida, o estabelecimento do laço, na Rede (ciberespaço), primeiro vem o laço, ou seja, o estabelecimento de afinidades entre dois ou mais indivíduos.

Entre os associados do grupo do Caminho da Fé na internet, o processo de formação de laço de afinidade social ocorre tanto da "maneira tradicional" como da "maneira da Rede". A relação de amizade entre os associados do grupo se estabelece, em alguns casos, depois da realização da peregrinação, quando conhecem pessoas e querem continuar mantendo contato com elas ou quando precisam receber informações sobre a caminhada e buscam na internet e acabam se deparando com o grupo.

Palácios (2000) destaca um crescimento quantitativo na realização de laços de amizade através do ciberespaço. Entretanto, nas entrevistas, foram feitas menções regulares ao crescimento qualitativo dos laços de amizade estabelecidos no ciberespaço. Os informantes afirmaram que os laços de afinidade ali estabelecidos podem ser mais "sinceros". Além disso, os laços de amizade, no caso estudado, muitas vezes se estendem para além do espaço virtual, como revela uma associada do grupo do Caminho da Fé:

Os meus grandes amigos do grupo (virtual) também são meus amigos presenciais. A internet é um meio de comunicação, como o telefone, ajuda a manter o contato, a ter notícias das pessoas e ainda serve para combinar programas, viagens, caminhadas nos feriados e finais de semana (feminino, 42 anos).

A investigação feita sobre a interação social da comunidade estabelecida no *chat* do Caminho da Fé nos possibilita elaborar um conjunto de considerações. Elas tangem tanto às motivações que levam o indivíduo a utilizar um sistema de comunicação escrita por computador quanto à sua conduta no ambiente virtual em que se insere. Estamos diante de um amálgama de elementos que não devem ser considerados isoladamente, mas, ao contrário, de forma complementar.

As entrevistas individuais virtuais revelaram recorrência da busca de novos amigos para acabar com a “solidão”. Esse sentimento pode ser considerado como motivador da procura pelo *chat*, tanto pela conduta direta do informante, quanto por sua opinião sobre o universo de que faz parte. Para Carvalho (1995), a solidão sempre existiu na história da sociedade humana e, contemporaneamente, esse sentimento passou a se tornar externo, vivido nas relações sociais, e não mais interiormente, como elemento metafísico ou poético (p.5). Segundo esse autor:

“A solidão está disseminada em todos os lugares, em alguns casos, na sua dimensão crônica, produzindo desamparo, perda e dor, em outros, enquanto um sentimento episódico, mas difuso, produzindo uma sensação de sideração, “despertença” e fragilidade. Ao mesmo tempo, para uma parcela crescente de indivíduos, a solidão se apresenta como uma fonte de liberdade e autonomia pessoal, um ideal de ausência de controles ou obrigações de concessão.”(1995, p.7)

A interação virtual realizada no ambiente de *chat* mostrou que o comportamento do usuário, em alguns momentos, remete aos conceitos de habitués e *flâneurs*. Carvalho (1995, p.218-219) comenta que os habitués são pessoas que saem sozinhas e costumam frequentar sempre os mesmos lugares, sendo conhecidas pelo nome, e que os *flâneurs* são andarilhos que saem para “paquerar”, fugir da insônia etc. Em alguns momentos, os usuários não souberam explicar por que frequentam o *chat* do grupo.

O grupo de amigos formado no *chat*, o “subgrupo”, parece ser a solução para o isolamento solitário de seus usuários no mundo *off-line*. Para Carvalho (1995, p.181), a esfera do grupo de amigos é a grande referência de indivíduos cada vez mais “solitários” e ganha importância frente à família, principalmente entre os jovens, e é “o elemento capital para a compreensão da sociabilidade moderna”.

A “sinceridade”, a “efemeridade”, a “emoção” e os “conflitos” nas relações sociais no *chat*, manifestados na interação e entrevistas virtuais, são oriundos do tipo de aproximação que se estabelece entre os usuários, que têm em comum o Caminho da Fé. A explicação da existência desses elementos deve ser buscada no tipo de grupo social que se estabelece no *chat*, onde é forte a presença de indivíduos solteiros e divorciados. Sobre o tipo de grupo que se estabelece, Carvalho nos esclarece:

“As tribos ou grupos fechados do mundo da contemporaneidade são formações fluidas, em que os sentimentos fortes de pertença, êxtase, calor e empatia são vividos intensamente. Os laços que unem seus membros são, porém, fortuitos, imediatos e instáveis. Relacionamentos íntimos sem profundidade, relações quentes e afetivas mergulhadas na incerteza do amanhã ou na artificialidade da exploração lúdica da troca de segredos e fantasias, alegrias e dores. O indivíduo narcísico sobrecarrega, assim, o outro com seu ‘eu’ caótico.” (1995, p.184)

Carvalho avalia que intimidade e sociabilidade são inversamente proporcionais. O aumento da primeira ocasiona a redução da segunda (Carvalho, 1995:184) nos grupos fechados ou “tribos”. Neles, “a proteção contra a impessoalidade do modo de vida contemporâneo adquire-se pelo derramamento dos sentimentos pessoais, na vida estreita do pequeno círculo de amigos” (p.185). Para o indivíduo solitário, “a solidariedade

e a fraternidade são buscadas nas amizades, na ‘entrega amorosa’, no grupo identitário, em suma, em grupos ou indivíduos onde os ‘solitários’ possam trocar, negociar e, então, permitir concessões aos seus iguais" (p.186). Sobre a dificuldade do indivíduo solitário para se relacionar, Carvalho nos coloca:

“Incapacitado de sentir o outro pessoalizado, de se envolver e de se entregar, de sacrificar parte de sua individualidade, o ‘eu’ absoluto individualizado, castrado e fragilizado afetivamente, separa-se do outro do amor. Agora, sua vida solitária e intimista será preenchida e compensada por um outro coisificado – a mercadoria. A tecnologia e o mercado se tornarão seus novos companheiros para a hora de solidão e intimismo. O outro pessoalizado virá em formato digitalizado através das telas, dos fios e dos satélites de órbita baixa. O outro é apenas uma reprodução virtual ou, então, um ente distante que se manifesta e se comunica conosco, incidentalmente, pelos fios e redes invisíveis da moderna tecnologia do fim de século. “(1995, p.186-187)

A comunidade virtual que acessa o *chat* diariamente materializa uma "Rede de Relações" — *network*, proposta por Gilberto Velho —, especialmente por também ter presente o princípio do anonimato, ser formada em torno de interesses em comum (fuga da solidão e a realização da peregrinação), ser efêmera e por "atravessar o mundo horizontal e verticalmente" (VELHO, 1994).

O surgimento no *chat*, a partir das *networks*, de redes sociais com laços mais estreitos e que "migram" para o mundo *off-line*, faz-nos refletir sobre a dinâmica transitória do comportamento dos usuários. Como indivíduos solitários do mundo *off-line*, estão pouco inseridos em redes sociais. Motivados pela "curiosidade", acessam o *chat* pela primeira vez e se inserem de forma não deliberada em uma rede de relações mais "sólida". Na medida em que os laços de amizade rompem os limites do mundo *on-line*, o significado do *chat* se transforma. Adquire a funcionalidade de mero instrumento de comunicação entre o “grupo-família”, embora continue sendo também o canal para se conhecer novas pessoas.

A observação do *chat* demonstrou que, apesar de estarem utilizando um sistema de comunicação no mundo *on-line*, os indivíduos buscam envolvimento pessoais mais duradouros no mundo *off-line*. As principais características de um ambiente virtual (anonimato e autonomia exacerbada) facilitam e potencializam a comunicação no *chat* e o transformam em um excelente lugar para sanar a solidão afetiva. No entanto, em toda a pesquisa, sempre esteve presente, entre os usuários, a intenção deliberada de envolvimento não somente *on-line*, mas acima de tudo *off-line*. Apesar de nenhum informante mencionar envolvimento amorosos resultantes da amizade no *chat*, pode-se afirmar que a crescente amizade e afinidades entre alguns membros do grupo podem resultar em tais relações.

O grupo virtual do Caminho da Fé afasta a ideia exagerada de que "logo estaremos nos comunicando exclusivamente por computador". Pode-se dizer, então, que as relações realizadas no espaço virtual do grupo são capazes de mostrar os limites da generalização apontada por Bauman (2004), que enfatizou que todas as interações virtuais e presenciais são passageiras na sociedade contemporânea. O sistema de comunicação, escrita por computador e mediado pela internet, é, para os usuários do *chat*, um

instrumento capaz de afastar o sentimento de solidão e para trocar experiências sobre a peregrinação no Caminho da Fé. A partir dos contatos virtuais, surgem também as associações *off-line* que utilizam a rede de computadores como meio de comunicação e forma de divulgação das “comunidades” presenciais.

Bibliografia

- BAUMAN, Z. 2004. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CARVALHO, S. 1995. *Lonely sweet home: solidão e modernidade*. São Paulo, USP, dissertação de mestrado, FFLCH.
- FORTIM, E. 2000. Tudo o que você queria saber sobre as salas de chat (bate-papos) e não tinha a quem perguntar. WWW.pusp.br/clinpsic. Acesso em 25/04/2004.
- GIDDENS, A. 2002. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- JUNGBLUT, A. L. 2000. *Nos Chats do Senhor: um estudo antropológico sobre a presença evangélica no ciberespaço brasileiro*. Porto Alegre, UFRGS. Tese de Doutorado, PPGAS.
- LÉVY, Pierre. 1999. *Cibercultura*. Ed. 34. São Paulo.
- MORIGI, V. J. 2004. Tecnologias da informação e comunicação: sociabilidade nas bibliotecas universitárias. *Ciência da Informação*, Brasília, Vol.33, N° 1.
- ORTIZ, R. 1994. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- PALÁCIOS, Marcus. 2000. Modens, Muds, Bauds e Ftps: aspectos da comunicação no final do milênio <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/palacios/modens.html>> 08/00
- RIBEIRO, G. L. 1995 *Internet e a Comunidade Transnacional Imaginada-Virtual*. In: *Interseções: A Materialidade da Comunicação*, 6° Colóquio UERJ
- ROCHA, L. A. 1996. *As redes eletrônicas como universo de existência e relacionamento: sobre a possibilidade de geração de uma cultura global*. Monografia Instituto de Artes: Porto Alegre, UFRGS.
- SIMMEL, G. e MORAES FILHO, E. (org) 1983. *Sociologia*. São Paulo: Ática.
- STEIL, C. A. 2003. *Peregrinação, Romaria e Turismo Religioso: Raízes Etimológicas e Interpretações Antropológicas*. In: Edin Sued Abumansur (org). *Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre turismo e religião*. Campinas: SP, Papirus.
- TUNNER, V. 1994. *Dramas, Fields and Metaphors*. Ithaca/London, Cornell University Press.
- TUNNER, V. e TURNER, E. 1978. *Image and Pilgrimage in Christian Culture*. New York. Columbia University Press.
- VAN GENNEP, A. 1977. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes
- VELHO G 1994. *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

¹ A palavra *chat* vem do inglês e significa bate-papo, conversa. Um *chat*, em jargão internauta, significa um lugar virtual onde diversas pessoas podem se encontrar *on-line*, para conversar sobre os mais variados temas. A conversa acontece praticamente em tempo real, ou seja, alguém digita uma mensagem e a envia através do computador.

² Categoria analítica construída por Carlos Steil (2003).

³ Doação de sangue, de medicamentos e até de recursos financeiros para pessoas necessitam.

⁴ Giddens (2002) utiliza o termo “modernidade” de maneira geral para referir-se às instituições e aos modos de comportamento estabelecidos na Europa após o feudalismo e que, no século XX, tiveram impacto mundial. Ele se refere, então, às relações sociais que utilizam a força material e do maquinário nos processos de produção (p.21).

⁵ O conceito de “autoidentidade” para Giddens (2002, p.221) significa o “eu” entendido reflexivamente pelo indivíduo em termos de sua biografia.

⁶ Os estudos acadêmicos, manuais, guias, obras terapêuticas e de autoajuda são ferramentas para a reflexividade da modernidade.

⁷ Optei por mencionar apenas as iniciais do primeiro nome dos usuários do grupo virtual do Caminho da Fé.

⁸ Em um momento da observação no *Chat*, percebi que ela é uma das mais assíduas na sala de bate-papo.

⁹ Existem 31 grupos sobre peregrinações e caminhadas no Yahoo Brasil, vinte três dos quais se referem ao Caminho de Santiago. O grupo denominado “lista de Santiago” possui 3.409 associados e foi fundado em 23/06/1998.